

## A resposta do coração

Caminhava pelos corredores da escola com uma tristeza estampada na face. Havia marcas de perdas em seu coração. Não tinha olhos para a alegria da vida e submeteu-se à postura de alguém que acorda todos os dias com a dor da saudade.

Vi-a passando rapidamente e interessei-me em conhecê-la. Queria desvendar o segredo que provocou um olhar introspectivo, como se mergulhar no âmago pudesse fazê-la menos infeliz.

– Ela não fala com ninguém – disseram-me.

– Falará comigo – pensei!

Descobri seu interesse pela literatura e foi lendo e citando livros que me aproximei dela. Li textos de filósofos, romances, poesias e aprendi a impregnar de ternura e paixão as minhas palavras. Comprei um livro para dar-lhe de presente, que versava sobre um sentimento minúsculo que, à maneira de uma pequenina semente, tornar-se-ia frondoso como uma árvore: o amor.

Visualizamos juntos o cintilar das estrelas em meio ao silêncio e à escuridão da noite; debruçamo-nos sobre a areia da praia, contemplando a imensidão do mar; quedamo-nos diante da exuberância multicolor de todos os jardins. Entretanto, a distância entre nós nunca deixou de existir.

Sempre esquiva, uma vez contou-me que já me tinha visto em uma festa junina. Gostava de dançar até o dia em que a dor de uma partida somente deixou a lembrança e a saudade. Nunca mais dançara outra vez!

– Não me lembro de você – falei.

– Mas eu me lembro de você – rebateu.

Foi em uma quadrilha de São João. Havia muitas pessoas, e ela, arredia, olhou-me sem que a visse. Não imagino o que teria pensado a meu respeito ou que tipo de interesse eu poderia ter despertado para que me notasse e preservasse a lembrança de uma imagem que insistia em permanecer.

Em um dos nossos encontros, pedi-lhe que tirasse os óculos, pois pretendia admirar os seus olhos. Enrubesceu! Foi um instante de enlevo. Olhos castanhos que exprimiam o vazio e a transparência de uma lonjura, cabelos escuros contrastando com a pela alva de uma brancura que manifestava a ausência da luz do sol. Rosto bem delineado. Era encantadora.

Aos poucos fui revelando a minha intenção. Sentia uma atração muito forte e a desejava; precisava dela em minha vida. Relutava sempre. Protelava qualquer palavra sobre as coisas do coração.

Propunha apenas uma amizade, o cumprimento fugaz de um beijo sorrateiro e descompromissado. Receava o que as pessoas pudessem imaginar ao ver-nos juntos.

– Tenho medo! – falou-me. Medo da inveja dos outros e do que possam pensar a nosso respeito.

Evitou considerar como relacionamento afetivo o que existia entre nós. Desiludi-me. Muitas vezes, todavia, os seus olhos expressavam um desejo incontido e, por instantes, mergulhavam nos meus.

Permanecíamos unidos em momentos que se tornaram perenes. Simplesmente, olhando-nos. Seus olhos fixavam-se nos meus, até que a timidez fazia baixá-los.

E o olhar talvez seja a janela mediante a qual os sentimentos projetam-se como a luz que irradia o calor de uma alma apaixonada.

Dia após dia, os encontros aqueciam o arroubo de um amor que desabrochava, como fazem as flores, paulatinamente, sem pressa, ao calor dos raios do sol.

Em uma ocasião, pedi que se manifestasse acerca do que sentíamos um pelo outro. A incerteza era-me inquietante! Pretendia ter convicção da reciprocidade dos nossos sentimentos. No caso do coração, não existem sonhos a sós!

Prometera-me uma resposta para o próximo encontro. Minha alma exultou. Esperei ansioso por aquele momento.

Passados alguns dias, quando voltamos a nos encontrar, chegou-se a mim com as duas mãos fechadas e disse:

– Escolhe!

– Escolher o quê? – indaguei.

– Uma das mãos – respondeu. Nela você encontrará uma resposta.

Senti-me vacilar. Estava diante de um jogo decisivo. Não a questionei. Pensei:

– Se ela sente o que estou sentindo, a mão esquerda, como mensageira do coração, dar-me-á a resposta que espero.

Disposto a saber que decisão assumira, se o amor encontrara guarida no seu coração e aninhara-se, desejoso de desvendar o segredo que seus lábios nunca seriam capazes de balbuciar, falei:

– A mão esquerda! Ela contém o que o seu coração deseja.

Permaneceu imóvel diante de mim. Os olhos, umedecidos, exprimiam a ternura de uma emoção; percebi uma lágrima ameaçando desabar rosto abaixo. Respirou profundamente. Abaixou os olhos, como fazia sempre, para depois fitar-me em silêncio.

Sorriu-me. Hesitante, abriu a mão esquerda e, dentro de um pedacinho de papel amassado, estava escrito:

– Amo você!